

SAUSSURE, FIORIN, BORGES NETO: UMA LEITURA DA INTERDISCIPLINARIDADE DA LINGUÍSTICA

SAUSSURE, FIORIN, BORGES NETO: A READING OF THE INTERDISCIPLINARITY OF LINGUISTICS

CAVALHEIRO, João Pedro¹
ITO, Viviane²

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a linguística no Brasil ser ou não uma ciência aberta para a interdisciplinaridade e os possíveis impeditivos para tal. Para isso, é recapitulada a obra de Ferdinand de Saussure e, em seguida, são analisados artigos de José Luiz Fiorin e José Borges Neto. Apesar de a recentemente consolidada colaboração entre áreas do conhecimento nos levar a pensar em uma natureza colaborativa da linguística, ela ainda não é totalmente verificada no segmento acadêmico.

Palavras-chave: Linguística; Filosofia; Interdisciplinaridade.

Abstract: This paper presents a reflection on whether Linguistics in Brazil is or is not an open science for interdisciplinarity and the possible impediments to this. For this purpose, the work of Ferdinand de Saussure is recapitulated and then articles by José Luiz Fiorin and José Borges Neto are analyzed. Although the recently consolidated collaboration between areas of knowledge leads us to think about the collaborative nature of linguistics, it is still not fully verified in the academic segment.

Keywords: Linguistics; Philosophy; Interdisciplinarity.

Como citar este artigo?

CAVALHEIRO, J. P.; ITO, V. Saussure, Fiorin, Borges Neto: uma leitura da interdisciplinaridade da linguística. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 243-258, 2021.

¹ Graduado no Curso de Letras: Português, na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: joaopfcavalheiro@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Letras: Linguística, na Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: itovvmk@gmail.com.

1 Introdução

Considerado um dos marcos da concepção moderna de ciência linguística, o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure (2010) tem, entre seus gestos discursivos iniciais, um verdadeiro recorte: toma-se como necessária a demarcação clara de um objeto próprio a ser colocado ao centro dessa ciência, a língua, em relação ao fenômeno mais amplo da linguagem, às demais ciências e seus fenômenos. Ainda assim, por mais que esteja resolvido o dilema da definição, é admitido na obra o caráter “multiforme e heteróclito” (2010, p. 17) da linguagem, que é inclusive causa de tal dificuldade.

Por outro lado, em solo brasileiro e em esforços mais recentes, há autores que retomam essa natureza multifacetada da linguagem, percebida na obra saussuriana e em outras, para justamente rever a relação entre a linguística, as ciências e as áreas conexas a partir de uma perspectiva interdisciplinar. De maneira mais direta, temos o artigo “Linguagem e Interdisciplinaridade” de José Luiz Fiorin (2008), que discorre sobre o vínculo entre a linguística e outras disciplinas. De maneira indireta, há as reflexões de José Borges Neto em dois textos sobre o fazer científico da linguística no Brasil: “O que é Filosofia da Linguística?” (2008) e “Por que fazer Linguística? (e que linguística fazer?)” (2006).

A leitura dos referidos textos suscita a questão sobre a linguística atuar como uma ciência interdisciplinar no Brasil, a ser verificada neste trabalho. Por meio de uma análise dos artigos, sustentaremos que a falta de colaboração entre as disciplinas não provém da natureza da linguística, já que a origem dessa disciplina remonta à amplitude e ao compartilhamento entre áreas.

Assim, este trabalho se inicia por uma apresentação breve dos referidos textos de Fiorin e Borges Neto. Em seguida, há uma recapitulação da visão de Saussure sobre o objeto de estudo da linguística, buscando esmiuçar o viés duplo no discurso do autor, que é emprestado por Fiorin em momentos diferentes de seu texto sobre interdisciplinaridade. A ideia é entender se, na obra canônica de Saussure, a linguística seria possuidora de um objeto restrito a si, ou uma área de colaboração. Em um segundo momento, é feita uma análise de como Fiorin caracteriza as trocas que são de iniciativa da linguística, apoiando-se em elementos como a escolha de léxico e exemplos de interações das ciências que

foram utilizados pelo autor. Aqui, entenderemos se há abertura da parte da linguística para a colaboração com outros campos. Além disso, veremos se a leitura de como Borges Neto vê a questão da colaboração da linguística com outras áreas do conhecimento mostra uma paridade de pensamento com Fiorin. Por fim, trazemos a visão dos autores sobre as razões para ainda não haver intensa colaboração, e se existe alguma perspectiva de mudança futura.

2 Sobre os textos

Em seu texto “Linguagem e interdisciplinaridade” (2008), José Luiz Fiorin responde ao problema do notável divórcio entre a literatura e os estudos linguísticos no Brasil, com reflexões suscitadas pelas várias “interpretações” dadas ao conceito de interdisciplinaridade. Em outras palavras, no artigo referido, ele examina em retrospectiva e rearticula a visão que a ciência linguística tem de seu objeto, tentando traçar seus antigos e novos vínculos com outras disciplinas.

Em tom direto e pessimista, Fiorin conclui seu texto com a garantia de que não há perspectiva de colaboração entre as áreas de conhecimento de literatura e linguística. Para tal, o autor afirma que haveria de se trilhar um caminho tortuoso de restabelecimento de laços e outras tarefas, que julga árduas demais para acontecer. O veredicto do autor vem após uma exposição extensa sobre os momentos da história das ciências em que a linguagem se encontrou com outras áreas do conhecimento, desaguando na relação entre linguística e linguagem.

Por outro lado, o autor José Borges Neto (2008) colaborou de maneira indireta com a temática da interdisciplinaridade nos seus textos. O primeiro analisado aqui, “O que é Filosofia da Linguística?”, foi elaborado como introdução capaz de responder à questão do próprio título para os estudantes do curso de Letras e Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Paraná. Nele, partindo da ideia de que a filosofia da linguística é um ramo da filosofia da ciência, Borges Neto suscita uma série de reflexões filosóficas sobre o que seria ciência e o que seria linguística.

Antes de tudo, esse autor recapitula o próprio fazer científico ocidental que, segundo ele, parece categorizar as disciplinas de acordo com seus métodos de estudo, restringindo-as. A partir da reflexão de que há mistura em diversos

campos do conhecimento, ele aterrissa na multiplicidade de formas que a Linguística pode tomar, de forma semelhante ao pensamento de Fiorin.

Um segundo texto trazido para a análise foi “Por que fazer Linguística? (e que linguística fazer?)”. Nele, Borges Neto (2006) avalia o propósito de ser pesquisador em linguística e os motivos de uma falta de voz de linguistas no debate público. Apesar de novamente não ser um trabalho que se apoia na questão de interdisciplinaridade, trata-se de uma grande reflexão sobre o status atual da linguística no meio acadêmico que traz pistas sobre entraves para um modo de fazer ciência mais interdisciplinar.

Além de serem pesquisadores cuja obra se dedica à reflexão sobre como o modo de conduzir a ciência está relacionado à natureza dela, esses dois autores atualizaram a discussão a respeito do vínculo entre a linguística e as demais áreas do conhecimento. A maneira como fizeram isso é considerada aqui complementar, o que justifica tomá-los como objetos de trabalho a seguir.

3 O recurso a Saussure em Fiorin

Em dois dos gestos de movimentação discursiva de seu texto, José Luiz Fiorin retoma o *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure (2010): ora como testemunha do caráter interdisciplinar dos estudos de linguagem, ora como um dos expoentes da especialização desses estudos. Desse modo, como pode a obra do linguista suíço servir de voz, ao mesmo tempo, da intersecção entre áreas científicas e da definição isolada delas? Seria o recurso a essas citações contraditório?

3.1 Os dois “Saussures” do texto

Mais que pensar em todos os momentos em que Saussure é mencionado no artigo, interessa-nos aqui dois específicos, sendo o primeiro deles o seguinte:

Poderíamos continuar a dar exemplos de formas de abordagem do fenômeno da linguagem, mas cremos que os elementos expostos acima são suficientes **para mostrar que** a linguagem é, como dizia Saussure, “multiforme e heteróclita”; está “a cavaleiro de diferentes domínios”; é, “ao mesmo tempo, física, fisiológica e psíquica”; “pertence [...] ao domínio individual e ao domínio social”. **Por isso**, confina com diferentes campos do saber, não só

das ciências humanas, mas também das ciências exatas e biológicas (FIORIN, 2008, p. 30, grifo nosso).

Esse trecho é da primeira seção do artigo, seção em que o autor evoca imagens das diferentes maneiras como a linguagem está presente na vida dos seres humanos. Como última imagem, ele coloca a linguagem como objeto da linguística e, em seguida, define essa ciência. Com base nos exemplos citados anteriormente por ele, Fiorin conclui que o próprio caráter do seu objeto (a linguagem, “multiforme e heteróclita”) provoca a aproximação entre a ciência (linguística) e os diversos campos de saber.

Além disso, os termos grifados nos permitem observar que a citação de Saussure não surge no texto somente para finalizar sua abertura ou enquanto autoridade, mas mantém uma relação de íntima causalidade com os seus argumentos e a apresentação dos seus objetivos: os exemplos servem *para mostrar que* é respaldada a definição de linguagem mencionada e, por tal definição estar respaldada (*por isso*), a interdisciplinaridade é um dado. Dito de outro modo, Saussure figura como a ponte entre a “linguagem” e a “interdisciplinaridade” presentes no título do artigo de Fiorin.

Mais à frente, na segunda seção, o linguista suíço é novamente trazido ao texto da seguinte forma:

Os objetos são puros, são autônomos. Assim, **por exemplo**, Saussure estabelece que o objeto da linguística é a *langue*. Esse objeto não se contamina da física, da fisiologia, da psicologia, etc. A língua será estudada em si mesma e por si mesma (FIORIN, 2008, p. 33, grifo nosso).

A essa altura do texto, o professor Fiorin, tomando de empréstimo os termos da semiótica de Zilberberg e Fontanille (2001), apresenta e define o modo como conhecemos e evoluiu o fazer científico ocidental em dois tipos fundamentais: o da triagem e o da mistura. Enquanto a triagem concentra seus valores de maneira mais absoluta, representando a especialização, a mistura se abre para a universalidade, representando a interdisciplinaridade³. A partir dessas noções, ele inicia a apresentação de um panorama histórico do fazer científico.

³ Na semiótica, as noções de triagem e mistura se opõem, no sentido de que a triagem se refere a tudo aquilo de domínio fechado e exclusivista, e de outro, temos uma regência da mistura, que se refere aos universais e à amplitude. Dessa maneira, a leitura de Fiorin quanto às ciências é de que, enquanto na triagem existe uma ciência fechada, pouco colaborativa e disciplinarizada, na mistura, as fronteiras se abrem, há colaboração e, conseqüentemente, interdisciplinaridade.

Então, em certo momento de seu panorama, ele analisa o século XVIII como o início da movimentação pela triagem, citando a linguística de Saussure como exemplo. A interessante escolha do termo “exemplo” provoca nosso grifo: Saussure, em relação à especialização das ciências, é exemplar – ao mesmo tempo, amostra e modelo (“exemplo”). Assim, ainda que aludido de maneira mais indireta, outra vez, o linguista não aparece de maneira furtiva e gratuita: é o primeiro do panorama, o seu ponto de virada. Logo, colocados diante desses dois lugares do texto, vislumbramos um problema: como o autor do *Cours* pode representar ambos fazeres científicos da mistura e da triagem?

Podemos perceber que essa contradição ou simultaneidade é própria da obra saussuriana: não nos esqueçamos de que o estruturalismo opera por diferenças opostas, definições cujo valor está no negativo – um signo é o que o outro não é. Indo especificamente ao excerto indicado por Fiorin, no terceiro capítulo do *Curso de Linguística Geral*, “Objeto da Linguística”, podemos observar que essa é a passagem do livro em que há a definição da linguagem, “multiforme e heteróclita”, que é diferente da língua, essa sim, classificável e convencional, objeto científico.

Delimitando os dois termos, Saussure define seu objeto e seu ponto de vista, reconhecendo a mistura da linguagem frente à triagem da língua. Logo, há *contraposição*, não pura contradição. Em outras palavras, não é incoerente que as observações do autor ora se direcionem à mistura, ora se alinhem à triagem, aspectos contraditórios entre si, uma vez que a contraposição desses dois caracteres serve justamente para demarcar a diferença entre linguagem e língua, e definir a linguística como ciência desta, não daquela.

3.2 Por que Saussure?

Desfeita a contradição, resta-nos outro ponto. Por que, então, Fiorin recorre às palavras de um autor que é, mesmo que inserido entre linguagem e interdisciplinaridade, reconhecido pelo impulso especializador da linguística? Se a intersecção entre áreas do conhecimento é hoje vista com bons olhos, cada vez mais moderna, por que voltar-se ao passado?

Para pensar tal questão, é necessário compreender o principal objetivo do seu artigo: colocar-se a favor da reconciliação entre estudos de literatura e estudos linguísticos. Esse gesto, possivelmente, representa uma ampliação do

objeto da linguística, um direcionamento em relação a dados que não estão, segundo a observação de Fiorin, sendo abarcados por sua teoria: “Mais do que a linguística, o que mantém relações com a literatura é uma semiologia, tal como fora proposta por Saussure” (p. 48). Portanto, é preciso sobretudo ampliar o horizonte da linguística da *langue* e Saussure representaria o princípio original a ser ultrapassado nessa nova fase da ciência.

Conforme Fiorin nos faz ver, Saussure é o autor capaz de reconhecer a interdisciplinaridade da linguística e, ao mesmo tempo, conferir-lhe os moldes de disciplina. Desse mesmo modo, é preciso expandir a linguística para os objetos de outras áreas sem que, com isso, ela seja desfeita. A interdisciplinaridade, assim, não representa diluição, como reconhece o autor: “Assim, a interdisciplinaridade da lingüística com outras ciências não é o apagamento dos contornos da ciência da linguagem e sua transformação em outros campos do conhecimento” (p. 39).

4 A interdisciplinaridade da linguística

Em teoria, se a linguística apresenta natureza interdisciplinar, porém não se dilui em outros campos do conhecimento, como ela opera de fato para que ocorra colaboração? Nesta seção, exploramos a questão de como Fiorin vê as práticas colaborativas da linguística, para além de sua análise conceitual ancorada em Saussure, e de como o primeiro texto de Borges Neto se relaciona com essa discussão.

4.1 As relações interdisciplinares da linguística

Para falar sobre as práticas interdisciplinares nos estudos da linguagem, é preciso voltar um pouco no tempo e ampliar a nossa visão para como o modo de fazer científico ocidental se construiu. Fiorin percorre esse caminho no texto “Linguagem e Interdisciplinaridade”, partindo da caracterização histórica do modo de fazer científico ocidental e chegando na questão central do artigo, que é a relação entre a literatura e a linguística. Conforme já foi mencionado, ele toma como base as noções de triagem e mistura da semiótica. Desse modo, de um lado, temos uma ciência regida pela triagem, que se refere a tudo aquilo de

domínio fechado e exclusivista, e de outro, temos uma regência da mistura, que se refere a universais e amplitude (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001).

Em resumo, segundo ele, o processo de fazer ciência se inicia em um domínio de mistura, que também é a forma como se construiu os estudos da linguagem, e se afunila ao longo dos séculos para uma superespecialização, um momento de triagem. De acordo com essa questão, Fiorin delata que, dentro da linguística contemporânea, não existem mais semanticistas, mas sim semanticistas formais, lexicais, entre outros.

A partir dessa fragmentação, em paralelo, surge a necessidade de se emprestar conhecimento de outras áreas para a realização de estudos mais aprofundados, produtivos e completos, o que não poderia ser diferente com relação à linguística, que precisa estabelecer outras conexões para avançar com seus objetos de estudo. Na esteira do movimento que tenta abraçar áreas diversas, a linguística concede alguns de seus conhecimentos para outras ciências.

Em seguida, revisitando a ideia de não-diluição da linguística em outras disciplinas, para Fiorin, não há a necessidade de criação de uma nova área para que a interdisciplinaridade aconteça. Então, ao definir a interdisciplinaridade, Fiorin esclarece que ela apresenta dois vieses: por meio das trocas de conhecimento entre áreas ou de uma intersecção entre elas.

Desse modo, analisando as relações interdisciplinares da linguística, ele cita 18 diferentes disciplinas⁴ com as quais a área tem intersecções. Assim como o autor prevê, são áreas dentro dos três domínios – biológicas, exatas e humanas –, com o predomínio do último, quantificado em 13 áreas⁵. A multiformidade da linguagem e o natural compartilhamento dela como objeto de estudo com áreas diversas, colocados por Fiorin, podem ser verificados nessa multiplicidade de disciplinas:

Podemos debruçar-nos sobre as diferenças entre as línguas e então a lingüística **faz fronteira com** a antropologia e a etnologia. Podemos ocupar-nos da variação no espaço, como fazem a dialetologia e a geolingüística, e aí a lingüística **acerca-se da** geografia. Podemos examinar a variação de grupo

⁴ Entre as 18 disciplinas, temos: antropologia, biologia, ciências cognitivas, ciências históricas, ciências sociais, computação, dialética, etnologia, geografia, história, matemática, neurologia, psicanálise laciana, psicologia, retórica, teoria da literatura, teorias da comunicação e teorias sociológicas.

⁵ As 13 disciplinas de humanidades são: antropologia, ciências históricas, ciências sociais, dialética, etnologia, geografia, história, psicanálise laciana, psicologia, retórica, teoria da literatura, teorias da comunicação e teorias sociológicas.

social para grupo social e, nesse caso, a lingüística **limita-se com** as teorias sociológicas (FIORIN, 2008, p. 30).

Para além dos números, isolando todas as frases em que o autor atribui algum valor às relações entre disciplinas da linguagem, é possível observar algumas palavras que poderiam ser categorizadas de acordo com os dois vieses sobre a interdisciplinaridade: troca e intersecção.

Quando a lingüística troca algo de seu campo de estudos com outros, há o emprego de “oferece”, por exemplo. Por sua vez, as outras ocorrências que trazem as outras disciplinas como sujeito, os verbos usados para descrever essa relação são: “tomar”, “importar” ou “trazer” da lingüística. O que há de comum em todas essas palavras, é a ideia de que há uma transferência de conhecimento, a lingüística parece exercer um domínio limítrofe.

No segundo caso, temos as disciplinas que se interseccionam com a lingüística, e que constituem um número maior do que o das trocas. Para isso, Fiorin caracteriza as relações por meio de verbos como “acercar-se”, “aproximar-se”, “avizinhar-se”, “limitar-se” (no sentido de “fazer limite com”) e “confinar”. É curioso que novamente todos os vocábulos reforcem a ideia de se estabelecer fronteiras, principalmente no caso de “confinar”, em que existe uma noção muito intensa de isolamento. No entanto, dentro desse grupo, conseguimos ainda delinear outra divisão, pois há ciências que já apresentam a nomenclatura mesclada, para além da intersecção, como a sociolingüística e a neurolingüística. Dentro deste subgrupo, os verbos atribuídos são “ser”, “estabelecer”, “estudar”, ou seja, há uma ideia de unicidade de duas áreas combinadas.

4.2 A metamorfose da lingüística

Por outro lado, para José Borges Neto, antes de falar sobre as áreas que se misturam à lingüística, é preciso definir um pouco melhor o lugar que a lingüística ocupa nas ciências. No entanto, é importante ressaltar que, à diferença do autor mencionado anteriormente, a leitura que se faz aqui é indireta e se dá a partir de trechos de obras que não são propriamente voltadas à interdisciplinaridade, ainda que toquem essa temática de maneira relevante.

Em “O que é a Filosofia da Lingüística?” (2008), para responder à pergunta do título, logo de início, o professor define a filosofia da Lingüística,

um de seus campos de estudos, como parte da filosofia da ciência, que seria a “aplicação de métodos filosóficos a problemas filosóficos que surgem no contexto dos estudos científicos” (p. 1). Essa formulação levanta outras perguntas, que indicam os passos a serem seguidos por ele ao longo do texto, nas seções seguintes: o que é ciência? Quais são os métodos filosóficos? Quais são os problemas filosóficos?

Voltado à primeira questão, ele constrói um percurso que remonta ao processo de consolidação do fazer científico ocidental, de maneira semelhante ao que propôs Fiorin. Borges Neto parte do panorama histórico das respostas a “o que é ciência?”, chamado por ele de “problema da demarcação”, chegando às características gerais da atividade científica e à sua divisão em três grandes áreas (ciências naturais, sociais e formais). De acordo com ele, tal repartição, além de típica do momento histórico em que se percebeu a inadequação do modelo da física para demais ciências, é pouco produtiva.

Assim, a concepção das ciências humanas e naturais foi uma solução à luz de uma época e atualmente serve mais para categorizá-las de acordo com esta tradição que para se referir a seus métodos. Já para falar de colaboração entre as ciências e, especificamente, da linguística, o autor faz referência às subáreas:

Por exemplo, a linguística tem subáreas que **se comportam quase como** a matemática e subáreas **com grandes afinidades metodológicas com** a sociologia; tem subáreas **que não se consideram** científicas (como a Análise do Discurso) e subáreas que pretendem reger sua atividade pelos **padrões de cientificidade da física** (BORGES NETO, 2008, p. 2, grifo nosso).

Diferentemente daqueles de Fiorin, que tratam de trocas de conhecimento entre áreas ou da intersecção entre elas, os termos usados por Borges Neto, de certa forma, personificam-nas e analisam seu comportamento. Também é possível dizer que a visão dessa performance seria “metamórfica”, no sentido de que palavras como “comportar-se”, “afinidades”, “considerar-se” e “padrões” justamente têm mais a ver com uma transformação em circunstância que uma relação entre as instâncias. Pensando nessas categorias, enquanto Fiorin escreve sobre “trocas” e “intersecções” (relações), Borges Neto lida com “comportamento” (circunstância). Em outras palavras, é no contexto do trabalho de suas diferentes subáreas que a linguística, permanecendo única, porta-se à *maneira* das demais ciências, em vez de colaborar ou de participar

delas. O motivo de tal complexidade dentro de uma unidade talvez se encontre em outro trecho do mesmo texto.

Neste momento, o autor está respondendo à última das questões propostas inicialmente: quais são os problemas filosóficos? Para isso, ele apresenta e divide os problemas filosóficos em três grandes conjuntos (ética, epistemologia e metafísica), os quais exemplifica dentro do contexto científico e, também, linguístico. Assim, ele ilustra o surgimento de problemas internos às áreas científicas por meio da matemática, da física, da biologia, da psicologia, das ciências sociais e, finalmente, da linguística:

O fato de ser a linguagem **ligada intimamente a tudo que é humano** faz com que quase todos os problemas filosóficos encontrados nas ciências sociais e na psicologia também possam ser encontrados na linguística (BORGES NETO, 2008, p. 2, grifo nosso),

Aqui, o autor se aproxima de Saussure, na medida em que justifica uma espécie de espelhamento entre ciência e objeto, com linguística e linguagem sendo ambas multifacetadas por natureza, e também de Fiorin, tendo em vista que a linguística se faz lugar de “mistura”, compartilhando problemas com outros campos. Porém, diferentemente do primeiro autor, Borges Neto não veria necessidade de recorte desse objeto em “língua” pura e, contrariamente ao segundo, não veria na mistura uma relação que não seja a de *concentração*: a linguística seria, por assim dizer, o “guarda-chuva” sob o qual esses conhecimentos diversos se encontram.

5 Causas da não-interdisciplinaridade da linguística

Apesar de apresentarem algumas diferenças, analisando os textos de Fiorin e Borges Neto, percebemos que ambos descrevem práticas de interdisciplinaridade na linguística. A partir desse ponto em comum, portanto, é possível afirmar que, de certa forma, é esperado um cerne colaborativo na disciplina, seja por suas intersecções com outras disciplinas, seja por suas subáreas que se adaptam conforme se faz necessário.

Por outro lado, uma questão que permanece latente é: quais seriam os entraves para que a linguística pudesse se beneficiar mais da colaboração com outras disciplinas? Ambos os autores também discorrem sobre este assunto em

seus trabalhos, de modo que podemos traçar uma relação de complementaridade entre suas visões.

5.1 As escolhas individuais de pesquisa

Retomando o texto de Fiorin (2008), suas principais críticas estão relacionadas à atuação das áreas de linguística e teoria/crítica literárias, que ele crê trabalharem de maneira apartada dentro das letras. As observações são duras e apresentam uma característica instigante: são apontamentos feitos em várias oportunidades ao longo do texto e com as pessoas das áreas como alvos. Assim, Fiorin critica “os linguistas” e “os literatos”, logo não são apenas críticas amplas aos setores, mas a atitudes diretamente ligadas aos pesquisadores.

Sobre a relação entre o par de disciplinas, Fiorin destaca alguns momentos de intersecção, em que há ligação, por exemplo, com a filologia e com a estilística, a qual, porém, ele atribui um envolvimento “rudimentar”. Novamente, é notável a escolha das palavras para caracterizar as relações, que parecem reforçar a sua natureza fraca e arcaizante. Um ponto alto no pareamento das disciplinas é dado pelo aumento de relevância do estruturalismo na linguística dos anos 1960, no qual há uma colaboração nos estudos literários. Com relação a esse tópico, o autor faz uma crítica, qualificando os literatos como “amargurados”, já que não viam o estruturalismo com bons olhos.

Para demarcar os desentendimentos, além de criticar a própria divisão de estudos estabelecida nos anos 1930, determinante para que o ensino de língua francesa na Universidade de São Paulo passasse a focar a partir de então nas questões literárias, o autor conta alguns “casos” em que estudiosos teriam sido intransigentes na relação das disciplinas. Exemplo disso é a descrição de um rompimento que ocorreu entre o final dos anos 1970 e início dos 1980:

De um lado, os estudiosos de literatura consideram que a lingüística nada tem de interessante a dizer sobre a literatura e voltam a utilizar **a velha e elementar** gramática tradicional para justificar algum fato de língua que sirva de apoio às suas conclusões (FIORIN, 2008, p. 49, grifo nosso).

Após ter passado por uma tentativa de junção de conceitos linguísticos para conceber a literatura, nos anos 1960, com base no formalismo russo, nas

décadas seguintes, os literatos retornam para o uso de gramáticas tradicionais em suas análises, uma metodologia “velha” e “elementar”.

Se a insatisfação com literatos é expressa claramente no texto, o autor não poupa julgamentos também aos linguistas. Um exemplo é referente a quando ele revela ser impossível fazer uma linguística com exemplos como “*Maria compra arroz e João passeia pelo Rio de Janeiro*” (p. 52). Para ele, seria preciso desenvolver uma linguística com a literatura no centro, em que houvesse intensa colaboração entre áreas.

No entanto, a análise das críticas explicita a ideia de que uma mudança teria que partir dos indivíduos atuantes em cada uma das áreas, o que é reforçado ao final do texto, na caracterização dos pesquisadores como “vizinhos de sala” cujos “hábitos intelectuais” precisam ser mudados (p. 52).

5.2 A questão política no objeto de estudo da linguística

Na conferência de 2006, intitulada “Por que fazer Linguística (e que Linguística fazer)?”, Borges Neto realiza um percurso argumentativo que complementa a análise apresentada por Fiorin. Novamente, o texto não é focado em descrever a interdisciplinaridade da linguística, porém traz à tona um assunto que tangencia o trabalho apresentado neste estudo.

O enfoque de Borges Neto é a dúvida de que utilidade teria a linguística para a sociedade brasileira. Ele refuta a visão de sua falta de utilidade por ser apenas voltada para objetos de estudo afastados da população. Já vimos que, para Fiorin, existe uma questão dos indivíduos não estarem dispostos a colaborar, seja por convenções institucionais, seja por pura escolha. Borges Neto opina sobre a questão da escolha, porém ressalta ainda um aspecto político, em um argumento que complementa a nossa análise.

Com relação à utilidade da linguística, o autor é bastante enfático na comparação com outras disciplinas, mencionando estudos astronômicos que ganharam os holofotes da opinião pública. A descoberta de corpos celestes tem sua importância questionada pelo autor, pois não parece trazer um benefício imediato à população. Segundo ele, a questão utilitária parece ser algo a se discordar, portanto, quando se afirma que a linguística não estuda nada que tenha a devida relevância para a sociedade. Se a questão da utilidade é algo

relativo, por que os linguistas não ganham a mesma proeminência que estudiosos de outras ciências?

Uma posição a que Borges Neto se contrapõe é a de Rajan (2002), que critica a baixa relevância de linguistas pelas escolhas de objetos de estudo, afastadas da realidade da língua falada:

Segundo Rajan, o poder de convencimento dos lingüistas tem sido próximo de zero e a explicação para esse fracasso está nas escolhas epistemológicas da área, que inviabilizariam qualquer possibilidade de diálogo com o chamado senso comum sobre a linguagem [...] Em suma, o erro dos lingüistas é o desenvolvimento de uma lingüística sem sustentação antropológica (ele prefere dizer ética) (BORGES NETO, 2006, p. 5, grifo nosso).

Para Borges Neto, existe um cenário maior em que está inserido o problema. Se fosse apenas a questão de escolhas epistemológicas, então outras áreas não passariam pelo mesmo silenciamento que os linguistas. No entanto, o autor menciona uma questão com soja transgênica no Paraná, em que biólogos não foram consultados⁶. Para ele, portanto, existe um âmbito maior que impede o protagonismo de acadêmicos frente à opinião pública:

Não sei. O que sei, é que não se trata aqui de dialogar com o senso comum, porque certamente não são as opiniões do senso comum que estão em jogo, mas interesses econômicos e interesses ideológicos (BORGES NETO, 2006, p. 5, grifo nosso).

Indo além da escolha epistemológica dos linguistas, Borges Neto reflete sobre os interesses a que os estudos têm que responder, sendo que a questão econômica e ideológica são itens que influenciam na questão da ciência no Brasil ter pouca voz. O autor alerta para este quadro mais amplo, que vai além da escolha individual dos pesquisadores, ponto levantado por Fiorin. Quando se observa as questões de cada autor, é possível também estabelecer uma relação entre os dois: o contexto mais amplo, de interesses econômicos e políticos, como regente das opções individuais de pesquisa.

Portanto, de acordo com a visão sugerida por ele, não só os linguistas, mas também a comunidade acadêmica brasileira em geral passa por essa diminuição

⁶ Nos anos 2000, a permissão do plantio da soja transgênica foi uma pauta política no Paraná, que gerou discussões de posições controversas. Por fim, o plantio foi autorizado.

de importância frente a interesses divergentes de quem tem poder dominante na sociedade.

Considerações finais

Ambos os artigos estudados apresentam uma revisão sobre o fazer científico ocidental que, muitas vezes, isola disciplinas que deveriam estar em conjunção. Neles, ainda assim, é evidente o status da linguística como ciência aberta à colaboração e interdisciplinaridade.

Como a leitura realizada nos permitiu ver, a retrospectiva genealógica de Ferdinand de Saussure, feita por José Luiz Fiorin, não se apresenta como contraditória e atende diretamente aos propósitos do artigo lido. Apesar de, em um primeiro momento, o recurso a Saussure representar uma dualidade dentro do texto, esse caráter advém de sua obra, e não de Fiorin. É desse modo dual que Saussure serve aos objetivos do artigo, enquanto autor reconhecido pela triagem da *langue*, reconhecedor da interdisciplinaridade da linguagem e marco da linguística enquanto disciplina da ciência moderna. Demonstrando tal intersecção na obra do autor, Fiorin é capaz de trazê-la para a sua própria obra.

Além disso, observamos que, de maneira prática, também ocorrem trocas da linguística com outras áreas. Para Fiorin, a linguística faz limites com diversas áreas, sem necessariamente criar disciplinas. Por outro lado, Borges Neto faz uma leitura sobre a linguística com relação às suas propriedades adaptativas, segundo a qual essa ciência se comporta como outra. Ainda assim, os dois autores brasileiros reconhecem o caminho, em vias de se construir, para uma ciência interdisciplinar. Novamente, há *contraposição*, não pura contradição.

Ao olhar para os entraves que poderiam ocorrer contra a colaboração, vimos que, por exemplo, linguística e literatura parecem permanecer afastadas, segundo Fiorin, que propõe o desenvolvimento de uma linguística com a literatura em seu âmago. Para ele, o motivo de não haver interdisciplinaridade, de certa forma, deve-se às escolhas dos pesquisadores sobre o que e como pesquisar.

Para entender mais a fundo se seria apenas a questão de escolhas epistemológicas que estariam ligadas à questão da não colaboração entre linguística e outras áreas, tomamos o trabalho de Borges Neto (2006) como base. A partir dele, é possível concluir que a vontade da existência de uma

lingüística interdisciplinar esbarra também em um cenário de interesses econômicos e ideológicos que regem a nossa ciência, ainda mais amplo que a ética descrita por Fiorin.

Apesar de terem escrito nos anos 2000, os dois autores brasileiros apresentam questões bastante atuais. Embora as duas visões apontem para lados diferentes, ambas reconhecem o caráter colaborativo da lingüística, principalmente em relação aos seus procedimentos metodológicos. Dessa forma, o panorama levantado por este trabalho legitima os esforços recentes de rearticular o estudo científico da linguagem sob um viés interdisciplinar.

Referências bibliográficas

BORGES NETO, José. *Por que fazer lingüística? (e que lingüística fazer?)*. In: MATZENAUER, Carmen L. B. et al (Orgs.). *Anais do VII Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006. p. 33-42. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/para_download/celsul2006.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

_____. *O que é Filosofia da Lingüística?* 2008. Tradução e adaptação da introdução “What is the Philosophy of Science?” de Hitchcock, C. Disponível em: <<https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/traducoes/FilosLing.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e interdisciplinaridade*. In: *Alea*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 29-53, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alea/a/nTDjhCdwBqjsFGYct5ckdcd/?lang=pt>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial, Humanitas, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 26. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2010. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.